
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

O belo e a arte: *dor e consolação na estética de Roger Scruton*

Beauty and art: pain and consolation in Roger Scruton's aesthetics

Messias Nunes Correia*

 <https://orcid.org/0009-0008-1882-8523>

Resumo: O artigo evidencia o pensamento estético do filósofo britânico Roger Scruton. A análise consiste na afirmação que a Beleza abarca quase toda a categoria ontológica e fenomênica e pode ser contemplada nos objetos concretos e ideias; na natureza e animais; nos seres humanos e ações; na música, na pintura, na literatura e em todas as formas de arte. Scruton tece uma crítica à arte contemporânea, pois, segundo ele, esta rejeitou, sistematicamente, a beleza. Para o filósofo, a arte ergueu, na história, a tocha da Beleza e esta se apagou no mictório de Paris. Com isso, o filósofo britânico chama atenção para uma ruptura radical entre Arte e Beleza. Isso significa que a arte contemporânea destronou a Beleza como valor intrínseco e insubstituível. Isso trouxe uma progressiva perda de percepção da Beleza e o agravamento da condição caótica da sociedade. Nesse artigo, o que se busca é entender a partir da filosofia de Roger Scruton, como se dá a relação entre Beleza e consolação humana e como acontece essa experiência frente aos dramas existenciais. Busca-se responder por que a arte contemporânea destronou a Beleza e quais as implicações desta ruptura para a vida humana.

Palavras-chave: Beleza; Arte; Filosofia; Consolação.

Abstract: *The article highlights the aesthetic thinking of the British philosopher Roger Scruton. The analysis consists in the affirmation that Beauty encompasses almost the entire ontological and phenomenal category and can be contemplated in concrete objects and ideas; in nature and animals; in human beings and actions; in music, painting, literature and all forms of art. Scruton criticizes contemporary art, because, according to him, it systematically rejected beauty. For the philosopher, art raised, in history, the torch of Beauty and it went out in the urinal in Paris. With this, the British philosopher draws attention to a radical rupture between Art and Beauty. This means that contemporary art has dethroned Beauty as an intrinsic and irreplaceable value. This brought about a*

* Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe-UFS, mestre em Letras: Linguagens e Representações, Especialista em História do Brasil e Licenciado em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. Bolsista CAPES Email: messiasnc@hotmail.com

progressive loss of perception of Beauty and the aggravation of the chaotic condition of society. In this article, what is sought is to understand from Roger Scruton's philosophy, how the relationship between Beauty and human consolation occurs and how this experience happens in the face of existential dramas. It seeks to answer why contemporary art has dethroned Beauty and what are the implications of this rupture for human life.

Keywords: *Beauty; Art; Philosophy; Consolation.*

O Belo e a Arte- convergências e divergências na filosofia

A filosofia tem se ocupado, desde a antiguidade clássica, em traduzir, por meios racionais, as experiências estéticas e artísticas. Isso porque os fenômenos criativos, miméticos e representacionais estiveram e continuam presentes em tempos, lugares e culturas diferentes. Por isso, essas abordagens no âmbito filosófico ocupam parte significativa do pensamento ocidental. Disso decorre que essas capacidades criativas respondam, de alguma forma, a uma exigência antropológica e que, em suas variantes, expressam a *episteme* que compõe o vasto arsenal que o ser humano dispõe para interpretar a realidade e os fenômenos. Assim, como parte de uma tradição filosófica milenar que desenvolveu no decurso dos séculos diversas explicações, ora convergentes, ora divergentes, sobre o que é Arte e a importância da beleza para a vida humana, é que pretendemos neste artigo analisar o pensamento do filósofo e romancista britânico Roger Scruton no que concerne ao lugar que a Beleza ocupa em seu campo de reflexão filosófica.

A Beleza, desde a antiguidade clássica, tornou-se campo de reflexão e ocupou o pensamento de muitos filósofos que se empenharam em entender, seja no âmbito cosmológico, espiritual e humano, sua origem e sentido. Nota-se que a manifestação do Belo causa no ser humano uma espécie de arrebatamento e encantamento, ao tempo que o impele a um estado de satisfação e de gozo. Nesse sentido, a beleza percebida na natureza, nas ações e feições humanas, no cosmos e nas divindades compõe, ao lado do Bem e da Verdade, a base de investigação em que se debruçou a filosofia. Nessa direção, a arte poderia ser interpretada, tanto no aspecto das realidades do espírito, quanto numa dimensão de organização social e educativa. De modo geral, o que se percebe no contexto grego é “que os filósofos se interessavam principalmente por discutir as artes em relação à sua

função educativa e ao seu impacto social.”¹ Assim, predominou uma concepção utilitária e seu valor correspondia ao grau de uso que tais obras poderiam oferecer. De acordo com Osborne (1968), Aristóteles, ao analisar a música, enfatizava seus aspectos recreativos e de passa tempo diante do trabalho. De outro modo, Platão assegurava, em sua filosofia idealista, que a realidade é o mundo inteligível e imutável e assim considerava que nos produtos dos ofícios industriais os seres humanos criam coisas reais, mas na poesia e na pintura e nas outras artes, nas quais ‘predominamos prazeres’, criam simulacros ou imagens de coisas reais. Essas imagens têm as aparências de coisas sem a realidade e são, portanto, em essência, uma ilusão e um engano. Nessas condições, a atividade do artista é uma espécie de jogo e a falta de seriedade.²

Assim, Platão desenvolve sua filosofia que trata da obra de arte, sobretudo, a poesia, como meio de falsear a realidade, uma cópia da cópia. Ou seja, para o filósofo idealista o “amor à beleza é, na verdade, um sinal que nos instiga a deixar para trás esse apego sensitivo e a iniciar a ascensão da alma rumo ao mundo das ideias, no qual ela tomará parte da versão divina da reprodução, isto é, no entendimento e na transmissão das verdades eternas.”³ No entanto, ambos os filósofos apresentaram em sua filosofia uma preocupação em entender a arte e a beleza como campo de atuação importante do pensamento. Nessa perspectiva, outro pensador clássico que versa sobre o tema é Longino (1981)⁴, para o qual a arte pode ser entendida sob um prisma natural. Isto é, alguns indivíduos trazem certas aptidões subjacentes à sua natureza. E esta, por sua vez, é aperfeiçoada por um exercício metódico que pode elevar a obra ao sublime.

O Belo, no contexto grego, é entendido quando se manifesta em três dimensões: a estética, moral e a espiritual. De acordo com Nunes (2008),⁵ o Belo em sentido estético diz respeito aos elementos em estado de pureza, como os sons, as cores, as formas geométricas e as proporções dos objetos. Esta dimensão estética antecipa a beleza que está ligada às qualidades morais que o homem deverá possuir. Ou seja, na beleza moral se apresentam o

¹OSBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. Tradução Octavio Mendes Cajado. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1968, p.32.

²*Ibidem*

³SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 50.

⁴LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto Oliveira Brandão. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1981.

⁵NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da Arte*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2008.

equilíbrio, a harmonia e o distanciamento dos vícios. Por isso, a Beleza sempre está relacionada ao Bem e a verdade. Isso significa que a arte, de algum modo, está subordinada às três dimensões da Beleza. Ela tende a atenuar as paixões e tornar o homem apto para a vivência em sociedade. Nesse sentido, “A beleza exteriorizando essa perfeição que o homem tende a alcançar como ser racional que é, constitui fonte de prazer para os sentidos e para a inteligência.”⁶

Nos séculos XVIII e XIX, no contexto do idealismo alemão e na filosofia inglesa, o Belo e o fazer artístico ocuparam filósofos como Hegel, Schelling, Kant, Nietzsche e Arthur Schopenhauer. Esse último, com a obra *Metafísica do Belo*, que analisa os fundamentos da Arte e da Beleza. Para Schopenhauer (2003), ao investigar a essência da Beleza, considera esta como conhecimento, uma forma especial de perceber o mundo. Nesse sentido, a alegria do Belo não pode ser confundida com a utilidade. Segundo o filósofo alemão, a estrutura do mundo e seus fundamentos apontam para duas chaves de compreensão: os fenômenos e a Vontade. A primeira é o que se manifesta à percepção, o que pode ser abstraído e interpretado. Em suma, aquilo que pode ser conhecido. A Vontade é a realidade em si, o que está além de toda representação, o que não pode ser traduzido. Diz respeito ao que move todas as coisas. É cega, irracional e permanece oculta pelo Véu de Maia.

O filósofo faz uma interpretação neoplatônica e afirma que “a Arte repete em suas obras as Ideias apreendidas por pura contemplação [...] Sua única origem o conhecimento das Ideias; seu único fim, a comunicação desse conhecimento.”⁷ Assim, a Arte suspende, momentaneamente, a Vontade quando é contemplada em profundidade. Isso significa que a Vontade é destituída, ainda que provisoriamente, pelo puro conhecimento. Do mesmo modo, quando se contempla o objeto belo não se está mais consciente de si mesmo como indivíduo. Nesse sentido, a dor, o sofrimento e o tédio, que são realidades existenciais e não podem ser superados em absolutos, encontram na contemplação estética uma breve suspensão. Entre as artes, a música exerce um papel sublime, pois seu efeito é imediato, direto e íntimo. Ela “expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações e

⁶*Ibidem*, p.19.

⁷SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p.58.

disposições humanas.”⁸Se para Roger Scruton, o contato com o Belo traz alguma forma de consolação, nisso há similaridade com Schopenhauer, para o qual, no “contexto existencial do sofrimento, surge a função do belo como negação do querer. O belo é uma forma privilegiada de conhecimento das Ideias, acarretando a quem o frui a neutralização do sofrimento.”⁹Nesse artigo o que se busca é entender como se dá a relação entre Beleza e consolação humana e como acontece esta experiência frente aos dramas existenciais. Busca-se responder por que a arte contemporânea destronou a Beleza e quais as implicações desta ruptura para à vida humana. De igual modo, como a Arte e o Belo podem humanizar e dar sentido à existência.

Acredita-se que a Beleza promove uma experiência de pertencimento do homem ao próprio homem e que sua contemplação favoreça uma consolação existencial. De igual modo, desprezar a Beleza, tanto no campo artístico como no cotidiano, acarreta um prejuízo de gosto e de sentido à vida humana. Por isso, busca-se analisar a importância da Beleza e da Arte como expressões de consolação e de suspensão da dor e o sofrimento humano. Assim, o artigo desenvolve-se a partir na análise da obra *Beleza*, do filósofo britânico Roger Scruton.

A Dimensão do Belo na filosofia de Roger Scruton

Roger Scruton expressa seu pensamento numa vasta obra que contempla as teorias políticas e culturais, sobretudo no contexto do século XX. Entre outras linhas de estudo, sua filosofia centra-se na estética, uma vez que a Arte e a Beleza ocupam não somente parte significativa dos seus escritos como expressam sua percepção do mundo e sua especialidade filosófica.

Em *Beleza*, obra publicada em 2009, o filósofo, em um esforço argumentativo, evidencia o Belo como manifestação vital da existência humana que se configura como um valor universal, aliado ao Bem e à Verdade. Assim, de acordo com Scruton, a Beleza abraça quase toda categoria ontológica e fenomênica. Pode ser contemplada nos objetos concretos e ideias; na natureza e animais; nos seres humanos e ações; na música, na pintura,

⁸*Ibidem*, p. 234.

⁹*Ibidem*, p., p.14.

na literatura e em todas as formas de arte. Em outras palavras, a beleza possui uma relevância universal e esta entendida, sobretudo, no âmbito natural, não se encerrando apenas no encantamento ou naquilo que pode ser considerado agradável, pois “traz consigo o consolo de ver que esse mundo é um lugar certo e adequado - um lugar no qual nossas capacidades humanas são confirmadas.”¹⁰

A Beleza não somente agrada, mas eleva a condição humana e sua existência. Constitui-se por um caráter objetivo, harmonioso, ordenado e numinoso. Nesse sentido, tem uma necessidade antropológica que oferece gratuitamente alguma forma de consolação e de sentido à vida humana. Ao passo que faz surgir um sentimento de gratidão diante do mundo. Assim, de acordo com o filósofo britânico, só a Beleza pode realizar isso, juntamente com a Bondade e Verdade. Nesse sentido, faz emergir uma experiência de pertencimento e que no mundo há um lugar para todas as coisas e para o ser humano.

No contato com a Beleza, o mundo surge diante de nós e, do mesmo modo, surgimos diante dele. Esta compreensão estética do filósofo não é uma negação do caos que se manifesta no mundo. Há, pois, uma desordem, uma experiência de dor e de sofrimento. Essa realidade traumática necessita de constante reordenamento, do contrário, a vida se tornaria insuportável e desprovida de qualquer sentido existencial. A isso se entende que as “obras de arte despertam em nós um grande interesse, em parte, porque representam coisas, contam histórias, expressam ideias e emoções e comunicam significados almejados conscientemente.”¹¹ Para Scruton, a Arte é uma forma de atualizar e expressar o que se passa no mundo externo respaldado no ordenamento e na harmonização. Pois não se pode representar o caos da vida de um modo caótico. Desse modo, a obra de arte é um veículo de acesso ao Belo. Assim, a experiência com a coisa bela retira o ser humano da condição de miséria e pobreza e torna o mundo não somente habitável, mas harmoniza a espécie humana, pois lhe oferece, como um dom, a sensação de pertencimento e partilha. Isso gera, por sua vez, a morte do narcisismo, do “eu” como centro e abre espaço para a relação com os outros “eus” e com o mundo. A Beleza tem “a capacidade de mostrar que o mundo não se resume a nós e que há nele coisas tão interessantes quanto nós.”¹² Isto é, aquele que

¹⁰SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 74.

¹¹*ibidem*, p. 77.

¹²*Ibidem*

contempla a beleza manifesta reconhece o valor, inalienável, que o mundo tem em si. Além disso, é preciso salientar que o modo como o mundo se apresenta a nosso olhar estético depende também das categorias que lhe aplicamos. Nessa direção é possível afirmar que “ao olhar desinteressadamente para o mundo, o que faço é apenas me abrir ao aspecto que a mim se apresenta; também travo uma relação com ele, brinco com conceitos, categorias e ideias que são moldadas por minha natureza autoconsciente.”¹³ Nesse sentido, a beleza e a arte nos põem sempre numa atividade relacional e confirmam as capacidades e possibilidades humanas.

O sublime, a beleza cotidiana e artística.

Para Scruton, “quando fazemos um juízo estético, não estamos apenas descrevendo um objeto do mundo: estamos também dando voz a um encontro, a uma reunião entre sujeito e objeto em que a reação do primeiro é tão importante quanto as qualidades do segundo.”¹⁴ Assim, é sempre na relação entre o sujeito que contempla e o objeto contemplado, com suas percepções e qualidades, que se faz o juízo estético. Nota-se, no entanto, que há uma diferença entre aquilo que é belo e o sublime. E os seus efeitos no ser humano também apresentam características diferentes. Nessa perspectiva, quando estamos

atraídos pela harmonia, pela ordem e pela serenidade da natureza, de modo a sentirmo-nos à vontade nela e vermo-nos por ela confirmados, falamos de sua beleza; quando porém, num precipício acometido pelo vento, experimentamos a vastidão, o poder e a majestade ameaçadora do mundo natural, percebemos nossa própria pequenez diante dela, falamos do sublime. Essas duas reações nos elevam; ambas nos afastam dos pensamentos utilitaristas que dominam a vida prática cotidiana. Além disso, ambas envolvem o tipo de contemplação desinteressada que Kant viria a tratar como âmago da experiência estética.¹⁵

Nessa direção, o que se coloca em questão é que o sublime nos convida a uma espécie de autopercepção mediante o qual nos vemos “à luz da infinidade assombrosa do mundo e tomamos ciência de nossa finitude e fragilidade.”¹⁶ Esse sentimento do sublime, de acordo com Schopenhauer (2003), surge da percepção do nada que desvanece de nosso

¹³ *Ibidem*, p. 79.

¹⁴ SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 81.

¹⁵ *Ibidem*

¹⁶ *Ibidem*

próprio corpo confrontado com uma grandeza que se encontra em nossa representação, mas esse sentimento do sublime nasce do contraste da insignificância e dependência de nosso si-mesmo como indivíduo. Ou seja, para o filósofo alemão, “o indivíduo se conhece, vê-se como extremamente pequeno, mas o conhecimento puro o eleva acima disso, ele é o eterno olho cósmico que tudo vê, o puro sujeito do conhecer. É o sentimento do sublime”¹⁷

No entanto, para Scruton, é preciso considerar também um aspecto subjacente que se encontra tanto na beleza como na obra de arte, que ele chama de *intencionalidade sem intenção*, ou seja, a utilidade e a praticidade continuam retornando ao juízo, mesmo quando são eliminados. Um exemplo a ser considerado é a arquitetura. Isto é,

a experiência da beleza da arquitetura não pode prescindir do conhecimento das funções a que determinado edifício deve servir; a experiência da beleza humana não é facilmente apartada do desejo profundamente interessado que nasce dela; a experiência da beleza na arte tem vínculo estreito com o senso de intencionalidade artística¹⁸.

Nesse caso, ao apresentar a beleza como *intencionalidade sem intenção*, Scruton intensifica o caráter misterioso que existe no acesso ao belo. É nessa perspectiva que Scruton tece uma crítica à arte contemporânea, pois, segundo ele, esta rejeitou, sistematicamente, a beleza. Segundo o filósofo, a arte ergueu na história a tocha da Beleza, e esta se apagou no mictório de Paris. Com isso, o filósofo britânico chama atenção para uma ruptura radical entre Arte e Beleza. A arte contemporânea destronou a Beleza como valor intrínseco e insubstituível. Isso trouxe uma progressiva perda de percepção da Beleza e o agravamento da condição caótica da sociedade. Isso por que a falta de experiência com a coisa bela desumaniza. Diante desse cenário de desvalorização da beleza podemos imaginar

um mundo em que as pessoas só se interessassem por réplicas de caixas de Brilo, por urinóis assinados, por crucifixos imersos em urinas ou por objetos que foram igualmente retirados dos escombros da vida e expostos com algum tipo de intenção satírica ou com a necessidade de chamar a atenção- em outras palavras, pela dieta que cada vez mais caracteriza a exposição moderna na Europa e nos Estados Unidos. O que esse mundo teria em comum com o mundo de Duccio, Giotto, Velazques ou

¹⁷SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003, p. 113.

¹⁸SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 87.

mesmo Cézanne? Sem dúvida, o fato de colocarem em exposição objetos que são contemplados por um olhar estético. No entanto, esse seria um mundo em que as aspirações humanas não encontram mais expressões artísticas, em que não mais fazemos imagens do transcendente para nós mesmos e em que montes de entulhos abarrotam o lugar dos nossos ideais.¹⁹

A fuga consciente da beleza atesta uma espécie de deficiência espiritual e intelectual, mesmo quando esta é amparada por uma aceitação coletiva e entre os pares. Há, portanto, uma guerra gratuita contra o passado, uma rejeição sistêmica às heranças e ao patrimônio que nos foi legados por grandes nomes nas várias instâncias das artes e da cultura, de modo geral. Para Scruton havia nos modernistas uma preocupação efetiva em se preservar a beleza e de não permitir que a iniciativa estética se afastasse do objetivo artístico. Assim, de acordo com o filósofo britânico,

Eliot, Matisse e Schonberg não tinham dúvida de que era isso que acontecia ao seu redor, e assim cada qual passou a proteger um ideal artístico ameaçado das corrupções da cultura popular. Esse ideal associara a busca da beleza ao impulso de consagrar a vida humana e de agraciá-la com uma relevância que não era mudança apenas. Em suma, os modernistas procuraram unir, mais uma vez, a iniciativa artística com o propósito espiritual subjacente. O modernismo não foi concebido como transgressão, e sim como recuperação- como árduo retorno a uma herança de significados conquistada a muito custo, ao fim do qual a beleza seria novamente estimada como símbolos presentes de valores transcendentais. Não é o que vemos na arte conscientemente ‘transgressora’ e ‘provocadora’ dos dias de hoje: ela exemplifica a fuga da beleza em vez do desejo de recuperá-la.²⁰

Isso porque a necessidade do belo não pode ser prescindida pelo ser humano. A rejeição dessa necessidade vital gera uma incapacidade na condição humana. Isto é, a necessidade de beleza diz respeito à condição metafísica do indivíduo que busca partilhar o mundo com os outros. Desse modo, “a experiência de beleza nos orienta nesse segundo caminho: ela nos revela que estamos à vontade no mundo, que o mundo está ordenado em nossas percepções como lugar adequado à vida dos seres como nós.”²¹ E não se encerra aí, mas essa “experiência da beleza também para além deste mundo, na direção de um ‘reino de finalidades’ em que nossos anseios imortais e nosso desejo de perfeição são finalmente

¹⁹*Ibidem*

²⁰SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. 182.

²¹*Ibidem*, p. 185.

respondidos.”²² Nesse sentido, está reservada à arte uma sacralidade, pois ela se encontra no limiar do transcendental. Isto é, a beleza

aponta para além deste mundo de coisas acidentais e desconexas, na direção de uma esfera em que a vida humana é agraciada com uma lógica emocional que torna o sofrimento nobre e faz que o amor valha a pena. Desse modo, ninguém que atente para a beleza carece do conceito de redenção, de uma transcendência derradeira que conduz da desordem moral a um ‘reino de finalidades’. Numa época em que a fé está em declínio, a arte dá contínuo testemunho da fome espiritual e dos anseios imortais da nossa espécie. É por essa razão que a educação estética é mais importante hoje que em qualquer outro período da história. Nas palavras de Wagner: ‘está reservada à arte a função de salvar o núcleo religioso pelo conhecimento mítico que a religião desejaria acreditadas e revelar, por meio de representação ideal de seu valor simbólico, a verdade que se esconde no interior delas’, Até mesmo para um incrédulo, portanto, a ‘presença real’ do sagrado é um dos dons mais sublimes da arte.²³

Portanto, a centralidade da filosofia estética de Roger Scruton não é apenas demonstrar o valor da arte e a importância da beleza, mas, sobretudo, evidenciar que sem a busca consciente da beleza o ser humano incorre no perigo de se desvelar no mundo de prazeres viciantes e de dessacralizações rotineiras, em que o valor do ser humano deixa de ser percebido.

Considerações finais

A filosofia estética de Roger Scruton pode ser considerada como importante linha de reflexão para se pensar a arte e a beleza no cenário contemporâneo. O que se buscou nesse artigo foi entender algumas problemáticas advindas da experiência antropológica que o ser humano faz ao produzir arte e o contato que estabelece com a beleza. Nesse sentido, para Scruton, a beleza exerce na vida do ser humano uma espécie de consolação frente aos dramas da existência e está, ao mesmo tempo, vinculada à produção artística. Nesse caso, sua crítica à arte contemporânea acontece a partir do entendimento de que esta, no contexto do século XX, expulsou a beleza. Isso acarretou, na compreensão do filósofo, um prejuízo não somente ao indivíduo, mas a toda sociedade humana, uma vez que a Beleza aliada à Verdade e ao Bem diz respeito à necessidade vital do ser humano. Isso significa que “a

²²*Ibidem*

²³*Ibidem*, p. 198.

beleza está sumindo de nosso mundo porque vivemos como se ela não importasse, e nós vivemos dessa forma porque perdemos o hábito do sacrifício e buscamos sempre evitá-lo. A falsa arte do nosso tempo, atolado como está no *kitsch* e na dessacralização, dá sinais disso”²⁴ Assim, seu pensamento lança luz à compreensão da existência humana e busca responder a necessidade de cultivar a Beleza e valorizar a arte como partes imprescindíveis da vida em sociedade.

A Beleza não está presente somente nas grandes obras, mas torna-se disponível no cotidiano e nisso consiste a importância de se perceber esse aspecto da beleza que se manifesta minimamente na vida. Isto é,

muito do que é dito sobre a beleza e sobre sua importância em nossas vidas ignora a beleza mínima de uma rua desprezível, de um bom par de sapatos ou de um pedaço refinado de papel de presente [...] essas belezas mínimas são mais importantes para a nossa vida cotidiana do que as grandes obras que (se tivermos sorte) nossas horas de lazer; elas têm uma participação muito mais complexa em nossas decisões racionais.²⁵

Portanto, na compreensão do filósofo, há uma beleza mínima, no grau menor, mas nem por isso, desprezível. Ela se manifesta no cotidiano, nas relações pessoais, nos gestos de bondade, nas organizações do ambiente e harmonias dos pequenos objetos. Essa beleza, como as demais, promovem alguma forma de consolação. Isso é o efeito incontestável da Beleza na vida humana e esta se exprime como sendo um “prazer na beleza”, que não é apenas intencional, ou seja, há de fato intencionalidade no prazer e este pode ser acompanhado de frustrações e decepções. Ou seja, o prazer desempenhado na arte não é apenas intencional, mas antes, contemplativo e se nutre cada vez mais do seu objeto e se renova constantemente a partir dessa mesma fonte. O prazer na beleza, para Scruton, é um oferecimento, um dom que é dado ao ser humano que se assemelha ao prazer que se tem numa verdadeira amizade.

²⁴SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013, p. p. 204.

²⁵*Ibidem*, p. 20.

Referências bibliográficas

LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto Oliveira Brandão. Trad. de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1981.

NUNES, Benedito. *Introdução à filosofia da Arte*. 1. ed. São Paulo: Ática, 2008.

SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo: É Realizações, 2013.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Tradução Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

OSBORNE, Harold. *Estética e teoria da arte*. Tradução Octavio Mendes Cajado. 4ª ed. São Paulo: Cultrix, 1968.

Recebido em: outubro de 2022
Aprovado em: dezembro de 2022